

EPÍSTOLA DE

JUDAS

COMENTÁRIO BÍBLICO OBJETIVO

Simplicidade e Entendimento



Paulo Raposo Correia

Junho de 2016

Rio de Janeiro – RJ

Judas

PAULO RAPOSO CORREIA

BLOG

PARE! LEIA! REFLITA! PRATIQUE!

www.pauloraposocorreia.com.br

E-Book

Epístola de JUDAS
por Paulo Raposo Correia
© 2016 Paulo Raposo Correia

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução por qualquer meio ou forma,
sem a permissão expressa do autor.

Capa:
Paulo Raposo Correia

Revisão e Editoração Eletrônica:
Paulo Raposo Correia

Dados para Catalogação

Correia, Paulo Raposo
Epístola de JUDAS / Paulo Raposo Correia – Rio de Janeiro – RJ – Brasil, 2016

ISBN 978-65-00-19557-6

1. Bíblia. 2. Comentário Bíblico. 3. Título.

Judas

Este breve comentário bíblico é resultado de estudo e pesquisa de informações sobre esta epístola, principalmente, mas não limitada à bibliografia mencionada no final, sendo, acima de tudo, a exposição do meu próprio entendimento, tudo isso para sua reflexão e crescimento espiritual. Sempre que necessário o texto será atualizado e a data da revisão mencionada.

JUDAS

Sumário

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
PRÓLOGO	8
I. CONSEQUÊNCIAS DA INCREULIDADE E REBELDIA(vv. 1-4)	15
I.1 Dos libertos do Egito (v.5).....	15
I.2 Dos anjos (v.6).....	16
I.3 Dos habitantes de Sodoma e Gomorra (v. 7).....	20
II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)	22
II.1 Eles têm características próprias de ser e de agir (vv.8-13, 16).....	22
II.2 O juízo já está determinado sobre eles (vv.14-15)	51
III. EXORTAÇÕES À IGREJA (vv.17-23)	53
III.1 Relembrando as advertências (vv.17-19).....	53
III.2 Fortalecendo-se na fé (vv.20-21)	54
III.3 Ajudando os mais fracos (vv.22-23a)	56
III.4 Compadecendo-se em temor (vv.23b)	57
EPÍLOGO	59
Doxologia (vv.24-25)	59
BIBLIOGRAFIA	61

JUDAS

Apresentação

APRESENTAÇÃO

Judas é uma epístola bastante sucinta, com apenas um capítulo. Como em tantas outras, procura o autor alertar os seus leitores quanto à presença e ação de pessoas mal-intencionadas que procuravam desconstruir a fé dos irmãos. Ao mesmo tempo incentiva-os a se manterem firmes, edificando-se na fé comum.

AUTORIA

No primeiro versículo, a epístola já revela o nome do seu autor: “*Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago,...*” (Jd 1). Esse Judas é um dos meio irmãos de Jesus (Mt 13.55; Mc 6.3). Dentre os doze apóstolos havia dois Judas: Judas (Tadeu ou Lebeu – Mt 10.3; Filho de Tiago – Lc 6.16) e Judas Iscariotes (Filho de Simão – Jo 6.71; o que traiu a Jesus). Portanto, o escritor de Judas na fazia parte do grupo dos doze apóstolos. Provavelmente ele só se converteu após a ressurreição do Senhor (Jo 7.5; At 1.14)

DATA

Esta epístola foi escrita por volta de 70 a 80 d.C.

TEMA

O grande tema da epístola de Judas é “vigilância e fortalecimento” ou “a batalha pela fé”, questões essas que sempre merecerão a atenção dos crentes.

JUDAS

Apresentação

DESTINATÁRIOS

Esta epístola não foi dirigida a uma igreja local específica. Seus destinatários são identificados por Judas no primeiro versículo: “aos chamados, amados em Deus Pai...”, isto é, todos os cristãos judeus e gentios, espalhados por toda a parte, daí ser chamada de “Epístola Universal ou Geral”.

PROPÓSITO E CONTEÚDO

O livro de Judas guarda muita semelhança com 2Pedro (66 d.C.). A época é muito próxima. Estes crentes espalhados por toda a parte viviam num contexto de perseguição, provação e sofrimento. Também estavam sendo alvo de certos indivíduos que intencionavam confundirlos com suas heresias e afastá-los da fé verdadeira e genuína (Jd 4). Sua intenção foi de adverti-los contra esses indivíduos e fortalecê-los na fé.

O livro cita acontecimentos que vão desde a queda dos anjos (v.6) até a apostasia dos últimos dias (v.18). É o único livro da Bíblia que menciona a disputa pelo corpo de Moisés (v.9) e a profecia de Enoque (vv.14-15). Tais citações faziam parte da tradição judaica corrente e são encontradas nos livros apócrifos de ASSUNÇÃO DE MOISÉS e I ENOQUE, respectivamente. Isso não significa necessariamente que Judas considerasse tais obras inspiradas como as Escrituras canônicas.

JUDAS

Apresentação

ESBOÇO

PRÓLOGO (vv.1-4)

- Saudação (vv.1-2)
- Propósito (vv.3-4)

I. CONSEQUÊNCIAS DA INCREDELIDADE E REBELDIA (vv.5-7)

I.1 – Dos libertos do Egito (v.5)

I.2 – Dos anjos (v.6)

I.3 – Dos habitantes de Sodoma e Gomorra (v.7)

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv.8-16)

II.1 – Eles têm características próprias de ser e de agir (vv.8-13, 16)

II.2 – O juízo já está determinado sobre eles (vv.14-15)

III. EXORTAÇÕES À IGREJA (vv.17-23)

III.1 – Relembrando as advertências (vv.17-19)

III.2 – Fortalecendo-se na fé (vv.20-21)

III.3 – Ajudando os mais fracos (vv.22-23a)

III.4 – Compadecendo-se em temor (vv.23b)

EPÍLOGO

- Doxologia (vv.24-25)



JUDAS

Prólogo (vv. 1-4)

PRÓLOGO

Saudação (vv. 1-2)

- 1 *Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos chamados, amados em Deus Pai e guardados em Jesus Cristo,*
- 1 ιουδας ιησου χριστου δουλος αδελφος δε ιακωβου τοις εν θεω πατρι ηγιασμενοις και ιησου χριστω τετηρημενοις κλητοις
- 2 *a misericórdia, a paz e o amor vos sejam multiplicados.*
- 2 ελεος υμιν και ειρηνη και αγαπη πληθυνθειη

Na hora de se identificar para os seus leitores, o nome é parte imprescindível e assim ele o fez – Judas. Ao lado do nome e compondo a identidade, o que você teria de mais importante para acrescentar? Tua formação? Teu título? Teu cargo? Judas, de forma humilde, agregou à sua identidade, como tantos outros escritores e personagens bíblicos também o fizeram, o que considerava mais importante nessa sua efêmera existência – seu relacionamento com o Senhor: servo de Jesus Cristo. Ele tinha todo o direito de se identificar como irmão de Jesus Cristo, pois o era de fato, por parte de mãe. Entretanto, não era sua intenção se valer de tal parentesco para promoção pessoal, trazendo a pessoa de Cristo para um plano terreno, quando o Senhor deveria ser lembrado por todos os seus seguidores num plano espiritual, como o Filho de Deus. E é neste plano espiritual, acima e além de qualquer laço de sangue, que ele arrola todos os remidos no mesmo nível de irmãos e partícipes da família da fé. Sua postura de não se valer do parentesco com Jesus, merece ser apreciada, pois ajudou a difundir a ideia de que isso não representava qualquer posição privilegiada sobre os demais cristãos. Aliás, Jesus mesmo já havia deixado bem claro essa questão: *“Ele, porém, lhes respondeu: Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam.”* (Lc 8.21). Vejam que, sendo ele filho de José e Maria (Mt 10.3), não faz qualquer destaque a Maria, mostrando

JUDAS

Prólogo (vv. 1-4)

que ela não era venerada naquela época, como a “mãe de Deus”, como o faz a igreja católica romana. Finalmente, para ser mais específico, para que não tivessem dúvida de quem os escrevia e para que os seus leitores pudessem dar mais valor à sua mensagem, Judas então acrescenta – irmão de Tiago. Tiago passou a ser um líder de destaque nos primórdios da Igreja. Além de ter escrito uma epístola que leva o seu nome, exerceu notável liderança entre os irmãos (At 12.17; 15.13; 21.18; 1Co 15.7; Gl 1.19; Gl 2.9; 2.12).

Feita a identificação do remetente, Judas faz referência aos destinatários, mencionando três aspectos. 1º) São todos os chamados pelo Pai Celeste: “*Vinde a mim todos vós...*” (Mt 11.28). Portanto, não apenas alguns, de uma determinada região geográfica e igreja local. 2º) Os amados em Deus Pai, porque foi por amor que o Pai os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz: “*Porque Deus amou ao mundo de tal maneira...*” (Jo 3.16). E, 3º) “guardados em Jesus Cristo” para a salvação eterna (1Pe 1.5), em unidade (Jo 17.11), debaixo de sua proteção e cuidado, enquanto estiverem neste mundo: “*Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal.*” (Jo 17.15, ver ainda Mt 23.37). Portanto, os destinatários são identificados, não por seu vínculo a determinada igreja em alguma localidade, mas pelas características espirituais que fazem deles o povo de Deus. Vale, ainda, ressaltar que os seus destinatários estavam familiarizados com os acontecimentos históricos relacionados ao povo de Israel e narrados nas Escrituras do Antigo Testamento: êxodo do Egito, destruição de Sodoma e Gomorra, Balaão, Coré etc.

A saudação é concluída com palavras de um ardente desejo, não exatamente de prosperidade material, mas da verdadeira riqueza imaterial, que vem do alto e se espalha na direção de todos os santos: misericórdia, paz e amor.

JUDAS

Prólogo (vv. 1-4)

Propósito (vv. 3-4)

- 3 *Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos.*
- 3 *αγαπητοι πασαν σπουδην ποιουμενος γραφειν υμιν περι της κοινης σωτηριας αναγκην εσχον γραψαι υμιν παρακαλων επαγωνιζεσθαι τη απαξ παραδοθειση τοις αγιοις πιστει*

Nem sempre o escritor bíblico expõe, no início do livro ou em outra parte do mesmo, o propósito que o moveu a escrever. Mas também não é mandatório haver um propósito específico para tal. É natural abordar-se certos temas basilares da fé cristã, para o fortalecimento dos irmãos. Parece ter sido essa a intenção inicial de Judas quando ele se expressa neste versículo sobre escrever “acerca da nossa comum salvação”. Na sequência, ele dá a entender que as circunstâncias o forçaram a escrever algo mais específico, conclamando os irmãos espalhados por toda a parte a cerrar fileiras na grande e desafiadora batalha de defender a fé genuína que foi ensinada por Jesus e seus apóstolos. “*Se alguém ensina outra doutrina e não concorda com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino segundo a piedade,*” (1Tm 6.3); “*edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular;*” (Ef 2.20). Os ensinamentos do Senhor, bem como dos seus apóstolos, inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo, foram dados de forma única e definitiva (“uma vez por todas”), não se admitindo que qualquer pessoa ou anjo faça qualquer alteração: “*Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema.*” (Gl 1.8). Todos os escritores bíblicos e cristãos mais atentos, de ontem e de hoje, sabem o

JUDAS

Prólogo (vv. 1-4)

quanto é preciso manter a vigilância e lutar, em todo o tempo, para que os alicerces doutrinários da nossa fé cristã não sejam abalados.

Ao escrever sobre esses assuntos, há quem diga que Judas se inspirou na segunda epístola de Pedro; outros que Pedro se inspirou nesses escritos de Judas; e, ainda outros, sugerem que ambos se inspiraram numa terceira fonte. O que não se pode negar é que as duas epístolas guardam alguma semelhança entre si. Sem dúvida, o contexto e época eram comuns às duas, como comum foi a inspiração do Santo Espírito de Deus.

4 *Pois certos indivíduos se introduziram com dissimulação, os quais, desde muito, foram antecipadamente pronunciados para esta condenação, homens ímpios, que transformam em libertinagem a graça de nosso Deus e negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.*

4 *παρεισεδυσαν γαρ τινες ανθρωποι οι παλαι προγεγραμμενοι εις τουτο το κριμα ασεβεις την του θεου ημων χαριν μετατιθεντες εις ασελγειαν και τον μονον δεσποτην θεον και κυριον ημων ιησουν χριστον αρνουμενοι*

A infiltração é sempre uma ameaça para as edificações. A contaminação tem sempre efeito desastroso e destruidor aonde chega. O alerta de Judas é que “certos indivíduos” emissários do mal se introduziram, penetraram no arraial do Senhor com maus intentos. Alguns comentaristas os identificam como falsos mestres. Na realidade são agentes do mal que usam do recurso da dissimulação. Dissimular é fingir ser o que não é; é disfarçar suas reais intenções ou propósitos; é aparentar concordar com a sã doutrina, mas ter a intenção de distorcê-la. É como se diz: pior que o inimigo declarado é o falso amigo! Eles são lobos travestidos de ovelhas. Se apresentam como que revestidos do verniz do interesse no bem-estar do rebanho, mas querem mesmo é

JUDAS

Prólogo (vv. 1-4)

defender seus próprios interesses. Eles surgirão de fora, mas também de dentro da igreja (At 20.29-30). Sobre estes dissimuladores a sentença divina já estava determinada há muito tempo.

Judas não se contém e já adianta algumas informações sobre a teologia desses homens ímpios, agentes do mal.

a) Perversão da Graça de Deus

“transformam em libertinagem a graça de nosso Deus”

“Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens,”(Tt 2.11). Se assim é, o diabo tem todo interesse em desqualificá-la, corrompendo-a. O povo de Israel viveu séculos debaixo da lei de Moisés e suas múltiplas exigências e punições aos transgressores. Os fariseus faziam questão de acrescentar ainda mais exigências, aumentar o fardo da lei sobre o povo. Então surge Jesus transferindo o foco da “letra da lei” para a “essência da lei”. Naquele “ouviste o que foi dito....eu porém vos digo” empregado algumas vezes por Jesus, havia muito mais rigor do que na lei original, pois era levado em conta a intenção do coração e não apenas o ato concretizado. Não seria tarefa difícil, para os falsos mestres, se aproveitarem de algumas ações de Jesus, “violando” o sábado e perdoando uma mulher adúltera que, pela lei, deveria ser apedrejada, para disseminar uma suposta liberação do pecado, porquanto a graça de Deus se encarregaria de aplacar a ira de Deus sobre o pecador. Assim, os hereges, não apenas promoviam a libertação da lei moral, como distorciam e manipulavam a doutrina para que essa pudesse acobertar sua conduta libertina. O apóstolo Paulo adverte: *“E daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum!”* (Rm 6.15).

JUDAS

Prólogo (vv. 1-4)

Alguns comentaristas dizem que os gnósticos afirmavam que a salvação era alcançada pelo conhecimento, e não pela fé salvadora em Jesus Cristo. Seguindo a linha gnóstica de pensar, esses hereges criam que seus corpos eram essencialmente maus, por isso não era importante o que uma pessoa fazia em relação a seus apetites, desejos e paixões. Também criam que a graça de Deus era suficiente para cancelar, limpar e cobrir todo o pecado. Por que então se preocupar com o pecado?¹ E, assim, a graça de Deus é transformada em libertinagem, na medida em que é usada para explicar o alegado desinteresse de Deus pelas “pequenas realidades morais” dos seres humanos. É a graça conveniente, evocada para justificar o pecado, não o pecador.²

“Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça,” (Rm 5.20). Apoiando-se no argumento de que quanto mais deplorável é a situação do pecador, maior é a manifestação da graça, do favor imerecido de Deus nesta vida, eles transformavam a graça em libertinagem. Dessa forma, o pecado passa a ser um aliado da graça de Deus, na medida em que quanto mais se peca, mais Deus tem ocasião de mostrar-se gracioso.³

De fato, não há concessão na graça para a prática do pecado. É o que afirma o apóstolo Paulo: *“Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morreremos? Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.”* (Rm 6.1-2, 14)

¹ Hernandes Dias Lopes – Livro: 2Pedro e Judas, pgs112-113

² Caio Fabio – Livro: A síndrome de Lucifer, pg 19.

³ Caio Fabio – Livro: A síndrome de Lucifer, pg 18.

JUDAS

Prólogo (vv. 1-4)

b) Negação do senhorio de Cristo

“negam o nosso único Soberano e Senhor, Jesus Cristo.”

Eles são dissimuladores, fingidos, sutis, assim, não se deve esperar que eles declarem abertamente, em palavras, essa negação. Certamente eles o farão com suas mentes e ações: *“No tocante a Deus, professam conhecê-lo; entretanto, o negam por suas obras; é por isso que são abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra.”* (Tt 1.16). Suas palavras são eloquentes, contagiantes; mas suas vidas vazias e deploráveis. Não existe qualquer consistência entre o que falam e o que vivem.



JUDAS

I. CONSEQUÊNCIAS DA INCREDELIDADE E REBELDIA (vv. 1-4)

I. CONSEQUÊNCIAS DA INCREDELIDADE E REBELDIA(vv. 1-4)

Como alguém sabiamente falou, “a história é a mestra da vida”. Ela ensina muitas coisas importantes. Desprezar esses ensinamentos é loucura, insensatez. Então, Judas se propõe a trazer à memória de seus leitores que, rebeldia contra Deus, não importa de quem ou de onde venha, não fica sem a devida punição divina. Os três exemplos mencionados tiveram como causas, respectivamente: a incredulidade, o orgulho e a promiscuidade.

I.1 Dos libertos do Egito (v.5)

5 Quero, pois, lembrar-vos, embora já estejais cientes de tudo uma vez por todas, que o Senhor, tendo libertado um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram;

5 υπομνησαι δε υμας βουλομαι ειδοτας υμας απαξ τουτο οτι ο κυριος λαον εκ γης αιγυπτου σωσας το δευτερον τους μη πιστευσαντας απωλεσεν

Não era o caso dos seus leitores desconhecerem esse acontecimento histórico. Mas, nunca é demais lembrar, reavivar a memória do povo de Deus. Em certas ocasiões é preciso trazer a memória o que nos pode trazer esperança (Lm 3.1); entretanto, em outras, é preciso lembrar o que acontece com os rebeldes e com aqueles que lhes dão ouvidos. Judas estava se referindo ao lamentável episódio narrado em Números 14, que trata do relatório dos espias, da reação do povo e do castigo de Deus. Doze homens foram enviados para espiar a terra da promessa. Dois deles creram no poder de Deus para a superação dos obstáculos e incentivaram o povo a seguir em frente, a tomar posse da terra. Entretanto, os outros dez manifestaram sua incredulidade e o povo

JUDAS

I. CONSEQUÊNCIAS DA INCREULIDADE E REBELDIA (vv. 1-4)

optou por dar ouvidos a eles, rejeitando o Senhor. O texto expressa, de forma forte, a frustração e a ira divinas: *“Porém, tão certo como eu vivo, e como toda a terra se encherá da glória do SENHOR, nenhum dos homens que, tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, todavia, me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram à minha voz, nenhum deles verá a terra que, com juramento, prometi a seus pais, sim, nenhum daqueles que me desprezaram a verá. Porém o meu servo Calebe, visto que nele houve outro espírito, e perseverou em seguir-me, eu o farei entrar a terra que espiei, e a sua descendência a possuirá.”* (Nm 14.21-24). Na reprimenda divina, chama a atenção o fato de que eles tinham como referência muito próxima as maravilhas operadas por Deus, o que de nada valeu para crerem em maravilhas futuras.

I.2 Dos anjos (v.6)

6 e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia;

6 αγγελους τε τους μη τηρησαντας την εαυτων αρχην αλλα απολιποντας το ιδιον οικητηριον εις κρισιν μεγαλης ημερας δεσμοις αιδιοις υπο ζοφον τετηρηκεν

Este versículo encontra paralelo em 2 Pedro 2.4: *“Ora, se Deus não poupou anjos quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno, os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo;”*. Já que o exemplo citado nos textos não é claramente identificado pelo apóstolo Pedro, nem por Judas, resta-nos investigá-lo e propor algumas hipóteses, inclusive e se possível, a mais provável. Que anjos são esses? Que pecado cometeram? Quando isso ocorreu? E, que lugar é esse para onde foram precipitados? Tarefa fácil essa, não? A escassez de detalhes aqui e de

JUDAS

I. CONSEQUÊNCIAS DA INCREULIDADE E REBELDIA (vv. 1-4)

passagens bíblicas sobre o assunto são aspectos extremamente restritivos à exegese destes dois versículos (2Pe 2.4 e Jd 6). Em Judas há maior detalhamento quanto ao pecado cometido por tais anjos: a) violação do seu estado original e, b) abandono do seu próprio domicílio. Vejamos, então as duas hipóteses:

1ª hipótese: Muitos entendem que os anjos pecaram quando seguiram a Satanás, quando este se rebelou contra Deus: *“A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra;”* (Ap 12.4; ver tb Is 12.7-9; Is 14.12). É curioso que nas Escrituras não há registros diretos da rebelião de Satanás e seus seguidores. Os dois textos mais utilizados para se extrair informações sobre Satanás e sobre o tal incidente são Isaías 14.12-15 (uma denúncia contra a Babilônia) e Ezequiel 28.12-15 (a lamentação contra o rei de Tiro). O apóstolo Paulo caminha nessa mesma linha quando se refere à condenação do diabo (1Tm 3.6), orgulho, ambição e tentativa de usurpar a posição de Deus. Menciona também os demônios que atuam ao seu lado (Ef 6.11-12). Jesus reconheceu a existência do diabo (Mt 13.39; Lc 10.18; 11.18) e fez menção dele como homicida, mentiroso e pai da mentira (Jo 8.44).

2ª hipótese: Outros entendem que a referência é ao registro de Gênesis 6.1-4, antes do dilúvio, quando supostamente um grupo de anjos (filhos de Deus⁴) se envolveram com mulheres formosas (as filhas dos homens) e geraram criaturas híbridas (meio homem, meio anjo), os gigantes (hb. *nephilim* ver tb Nm 13.33). Assim, o pecado deles estava relacionado à concupiscência e abandono do seu estado original. Segundo esses comentaristas, tal ação teria sido orquestrada por Satanás, na tentativa de desumanizar a raça humana e, assim, impossibilitar a encarnação de Jesus (Gn 3.15) e, subseqüentemente,

⁴ Filhos de Deus – No AT há vários registros de “filhos de Deus” referindo-se a anjos (Jó 1.6; 2.1; 38.7)

JUDAS

I. CONSEQUÊNCIAS DA INCREULIDADE E REBELDIA (vv. 1-4)

sua obra de redenção na cruz. Dizem, ainda, tais intérpretes que a resposta de Deus foi o dilúvio, enviado para aniquilar essa raça híbrida de seres e restaurar a situação da humanidade. Completam o cenário argumentando que foi a esses espíritos em prisão que Jesus pregou, após a sua morte e antes da sua ressurreição, conforme 1Pedro 3.19-20.

Embora tudo isso possa fazer algum sentido para essas pessoas, provavelmente não passa de uma interpretação fantasiosa. É certo que os anjos são “espíritos” ministradores (Hb 1.14), não visíveis, que têm a capacidade de mudar sua aparência e, em missões especiais, apareceram em forma humana e até comeram (Gn 18.8). Jesus ressuscitado atravessava paredes e, também, comia (Lc 24.42-43). Para nós seres humanos é difícil entender a estrutura desse corpo de Jesus pós-ressurreição e do corpo dos anjos. Esses seres criados por Deus (Cl 1.16), citados na bíblia cerca de 277 vezes (“anjo” e “anjos”), segundo Jesus, são seres assexuados, que não se casam e não procriam (Mt 22.30; Mc 12.25). Portanto, sobre Gênesis 6.1-4, temos os seguintes entendimentos:

- a) Trata-se da descrição do contexto humano corrompido no período que antecedeu ao dilúvio. Diante da disseminação da maldade humana (Gn 6.5) o veredito de Deus foi dado: *“Então, disse o SENHOR: O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal; ...”* (Gn 6.3). Note-se que o cerne do problema ali em foco é o pecado do homem e não de anjos.
- b) Os “filhos de Deus” muito provavelmente são uma referência à descendência abençoada de Sete, filho de Adão (Gn 4.25) e as “filhas dos homens” à descendência amaldiçoada de Caim (Gn 4.11-16).

JUDAS

I. CONSEQUÊNCIAS DA INCREDULIDADE E REBELDIA (vv. 1-4)

- c) Quanto a gigantes, o versículo 4 é bem claro ao narrar que “naquele tempo havia gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus possuíram as filhas dos homens...”. Portanto, gigantes ou *nefilins* (hb.) já existiam na terra e não são fruto de qualquer união angelical e humana. Os frutos dessas uniões foram simplesmente “varões valentes”.
- d) A intenção de Deus no dilúvio foi: “*Farei desaparecer da face da terra o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; ...*” (Gn 6.7). Não há na narrativa qualquer menção a seres híbridos esquisitos, semi-humanos ou semiangelicais na mira do extermínio divino. Mesmo após o dilúvio encontramos o registro da existência de gigantes ou nefilins (Nm 13.33, ver tb Dt 2.10-11; Js 11.22; 14.15; 1Cr 20.6). Em Deuteronômio 3.11 encontramos a menção das medidas do leito do rei Ogge, o último dos refains, uma raça de gigantes: 9 côvados de comprimento por 4 côvados de largura, isto é, cerca de 4 metros por 1,8 metros. Golias, o gigante guerreiro morto por Davi, tinha a altura de 6 côvados e 1 palmo, ou cerca de 2,90m. No Guinness World Records há o registro do homem mais alto do mundo, o turco Sultan Kosen, com 2,51 metros de altura.



Sultan Kosen (2,51m)



Photoshop?

JUDAS

I. CONSEQUÊNCIAS DA INCREULIDADE E REBELDIA (vv. 1-4)

Portanto, vê-se que a rebelião motivada pelo orgulho ou soberba teve sua origem na dimensão angelical. Tal fenômeno ou comportamento, também se manifestou no início da humanidade, no Éden, com Adão e Eva. Em vez de se firmarem na Palavra de Deus, deram ouvidos ao diabo, sendo impelidos pela ambição de se tornarem iguais a Deus. Ambos abandonaram “seu próprio domicílio” ou “seu estado original” estabelecido pelo Criador. Abandonaram o domicílio ou limite da vontade de Deus para suas existências; não acolheram a realidade da autoridade e domínio de Deus sobre eles.

I.3 Dos habitantes de Sodoma e Gomorra (v. 7)

7 como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se entregado à prostituição como aqueles, seguindo após outra carne, são postas para exemplo do fogo eterno, sofrendo punição.

7 ως σοδομα και γομορρα και αι περι αυτας πολεις τον ομοιον τουτοις τροπον εκπορνευσασαι και απελθουσαι οπισω σαρκος ετερας προκεινται δειγμα πυρος αιωνιου δικην υπεχουσαι

Judas não citou o exemplo do juízo do Dilúvio, enquanto Pedro omitiu o castigo após o êxodo do Egito. Entretanto, ambos citaram o juízo sobre Sodoma e Gomorra (Jd 7 e 2Pe 2.6). Neste caso, duas cidades inteiras, Sodoma e Gomorra, foram exterminadas pelo juízo divino, por causa da sua promiscuidade, abandono dos limites morais e espirituais. Mais uma prova incontestável de que Deus está no controle de todas as coisas, tomando as medidas cabíveis, em cada caso.

Cada ser humano, tem nesses juízos passados, elementos suficientes para saber que Deus é um Deus de misericórdia, que preserva os justos, mas que não deixará impune os pecadores impenitentes. O que o homem semear isso também ele ceifará; e, no

JUDAS

I. CONSEQUÊNCIAS DA INCREULIDADE E REBELDIA (vv. 1-4)

devido tempo Deus há de retribuir a cada um o bem ou o mal que fizer. Os agentes do mal podem até negar a existência de Deus ou desconsiderar o seu juízo. Mas ele tem dia e hora marcada para acontecer! Homens e anjos não escaparão do juízo divino.



JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

Nesta parte da epístola, Judas se dedica a traçar o perfil desses agentes da desconstrução do evangelho. Muitos detalhes são apresentados de modo que eles pudessem ser identificados ou reconhecidos pelos seus leitores. As metáforas e figuras utilizadas são de uma beleza poética e literária incomuns, que tornam atraente a leitura, apesar da preocupante e deplorável situação que estava sendo exposta.

II.1 Eles têm características próprias de ser e de agir (vv.8-13, 16)

II.1.1 Algumas características

8 Ora, estes, da mesma sorte, quais sonhadores alucinados, não só contaminam a carne, como também rejeitam governo e difamam autoridades superiores.

8 ομοίως μεντοι και ουτοι ενυπνιαζομενοι σαρκα μεν μιναινουσιν κυριότητα δε αθετουσιν δοξας δε βλασφημουσιν

A comparação deles com os outros rebeldes citados como exemplo nos versículos anteriores era inevitável: “estes, da mesma sorte (da mesma forma)”. Além da sua teologia inicialmente referida (v.4), temos agora o registro das suas seguintes características:

➤ **Sonhadores alucinados**

Eles não sonham os sonhos de Deus, mas os seus próprios sonhos gestados por suas mentes malignas e interesseiras. Sonhos desprovidos de qualquer consistência racional, fruto de alucinações duvidosas ou de supostas revelações proféticas. Não tendo como apoiar-se nas

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

verdades e doutrinas bíblicas apelam para revelações fresquinhas, de última hora. E não faltam pessoas rasas na fé e na Bíblia para dar crédito a tais novidades. Gente capaz de trocar o firme fundamento dos apóstolos e profetas, pelas areias movediças dos dissimuladores.

➤ **Contaminam a carne**

Sua teologia libertina em nada contribui para a santificação que todo cristão deve buscar. Jesus pagou um preço imensurável, o seu sangue derramado na cruz, a sua vida doada em lugar da nossa, para nos transportar do império das trevas para o reino do Filho do seu amor (Cl 1.3), para que nós vivêssemos em novidade de vida, uma vida diferenciada, agradável a Deus (1Pe 1.18). Por que voltar para as trevas? Por que transformar a Graça de Deus em Graça Conveniente, fazendo o que agrada a carne e não ao Espírito Santo?

➤ **Rejeitam governo e difamam autoridades superiores**

Outra marca característica destes é sua inclinação e promoção da anarquia, pois estão desconectados do senhorio de Cristo. Não estão dispostos a se sujeitar ou submeter a governos e lideranças, leis e regras estabelecidas, pois eles próprios querem se impor sobre os outros e lhes inculcar seus sonhos alucinados e suas imundas paixões que contaminam a carne. Difamar as autoridades é o caminho mais curto para desacreditá-las, promovendo rebeldia e, assim, impor sua malignidade.

Estas colocações de Judas encontram eco nas afirmações de Pedro: *“especialmente aqueles que, seguindo a carne, andam em imundas paixões e menosprezam qualquer governo. Atrevidos, arrogantes, não temem difamar autoridades superiores,”* (2Pe 2.10)

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

9 Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda!

9 ο δε μιχαηλ ο αρχαγγελος οτε τω διαβολου διακρινομενος διελεγετο περι του μωσεως σωματος ουκ ετολμησεν κρισιν επενεγκειν βλασφημιας αλλ ειπεν επιτιμησαι σοι κυριος

É curioso que Judas faça uma citação retirada da literatura apócrifa, provavelmente a obra “Assunção de Moisés”. Independentemente dele acreditar ou não nesta história é interessante considerar a mensagem que ele quis transmitir. De um lado, o arcanjo Miguel que significa “quem é como Deus” é citado, o mesmo que foi referido no livro de Daniel como “um dos primeiros príncipes” (Dn 10.13, 21) e “o grande príncipe” (Dn 12.1), o guardião designado por Deus para Israel, aquele que peleja as batalhas de Deus (Ap 12.7). Do outro lado o diabo, o príncipe das trevas, o maioral dos anjos maus e caídos. O recado de Judas é que nem este iminente arcanjo de Deus ousou insultar ou falar mal ou difamar o seu contumaz oponente, o diabo. E, nesta mesma linha, Pedro ratifica: “ao passo que anjos, embora maiores em força e poder, não proferem contra elas juízo infamante na presença do Senhor.” (2Pe 2.11). O recado de Judas é que Miguel nos dá o exemplo de não difamar as autoridades, mas entregá-las à repreensão do Senhor.

10 Estes, porém, quanto a tudo o que não entendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, até nessas coisas se corrompem.

10 ουτοι δε οσα μεν ουκ οιδασιν βλασφημουσιν οσα δε φυσικως ως τα αλογα ζωα επιστανται εν τουτοις φθειρονται

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

Outras características são aqui acrescentadas:

➤ **Difamam o que não entendem**

De fato, dá trabalho e demanda algum esforço mental entender determinadas coisas. Em se tratando de entender coisas espirituais, todo o esforço meramente humano será inútil. Apenas o Espírito Santo que em nós habita será capaz de revelar-nos a verdade divina (Jo 14.26; 1Co 2.10).

➤ **Se corrompem no que compreendem**

Se os animais irracionais são guiados pelo seu instinto natural, por que não esses difamadores? É claro que eles, firmados na carne, na sua visão bruta de ser caído, não regenerados pelo Espírito de Deus, conseguem alcançar algum conhecimento, alguma compreensão das coisas que acontecem ao seu redor. Deus nos dotou de consciência, de senso de moralidade. Mas, como seres caídos, se corrompem, não conseguem alcançar e manter o padrão divino. Foi exatamente por causa dessa incapacidade humana que Deus nos deu o seu Filho, para nos resgatar e nos capacitar com seu Espírito, para termos o domínio sobre o pecado.

Nesta mesma linha Pedro assim se expressa: *“Esses, todavia, como brutos irracionais, naturalmente feitos para presa e destruição, falando mal daquilo em que são ignorantes, na sua destruição também hão de ser destruídos,”* (2Pe 2.12)

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

II.1.2 O caminho de Caim

11 *Ai deles! Porque prosseguiram pelo caminho de Caim, e, movidos de ganância, se precipitaram no erro de Balaão, e pereceram na revolta de Coré.*

11 ουαι αυτοις οτι τη οδω του καιν επορευθησαν και τη πλανη του βαλααμ μισθου εξεχυθησαν και τη αντιλογια του κορε απωλοντο

Em que tipo de estrada da vida Caim andava? Quais são as marcas desse caminho? O registro bíblico da história de Caim, o primeiro descendente humano, se encontra em Gênesis 4.1-17. Ele não ficou sozinho por muito tempo, logo recebeu a companhia do seu irmão Abel. Viver em família deveria e deve ser motivo de felicidade e gratidão a Deus, mas para Caim parece que não foi bem assim; pois a competição sobrepujou a fraternidade. É natural que na vida em família (ou na igreja) cada um desempenhe o seu papel. Assim, Caim se tornou um lavrador e Abel um pastor de ovelhas. Cada pessoa tem a sua importância e valor, naquilo que é e naquilo que faz, na família, na igreja e na sociedade. Há espaço para todos cumprirem seus papéis numa dimensão horizontal, mas, principalmente, dedicarem suas ofertas, honra e glória ao Criador, numa dimensão vertical. As quatro marcas desse caminho se revelam a partir do momento em que os dois irmãos se apresentam e se expressam diante de Deus. É fácil representar diante dos homens, mas quando nos aproximamos de Deus tudo é revelado.

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)



Essas marcas são:

1ª) Culto sem lastro

“Aconteceu que no fim de uns tempos trouxe Caim do fruto da terra uma oferta ao SENHOR. Abel, por sua vez, trouxe das primícias do seu rebanho e da gordura deste. Agradou-se o SENHOR de Abel e de sua oferta; ao passo que de Caim e de sua oferta não se agradou.” (Gn 4.3-5a)

Não se sabe ao certo qual foi a razão ou motivação que levou os dois irmãos a se apresentarem a Deus com ofertas. O fato concreto é que em determinado momento isso aconteceu. Cada um extraiu do que tinha uma porção e ofertou a Deus. Há muitos aspectos semelhantes aqui, mas um resultado bem diferente: ambos conheciam a Deus, ambos se apresentaram diante dele e ambos lhe ofertaram algo. Não vale a pena discutir o mérito da oferta, pois o texto deixa claro que Deus se agradou de Abel e de sua oferta e não se agradou de Caim e de sua oferta. Certamente alguns chamados cristãos, de uma linha mais progressista, não teriam dificuldade em vociferar que Deus foi o pivô de toda essa crise familiar. Diriam eles que faltou-lhe sensibilidade e benevolência para com alguém que se dispusera a ofertar-lhe algo. Tais pessoas parecem desconhecer a essência santa e a onisciência do

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

Soberano Deus. Avaliam a Deus tomando por base seus próprios valores e ética. Deus não está procurando bajuladores, mas adoradores que o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.23). Mais tarde, o povo de Israel entrou no automatismo dos sacrifícios e Deus declarou pela boca do profeta Samuel: *“Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros.”* (1Sm 15.22b). Na área financeira de um país, lastro é o depósito em ouro que serve de garantia ao papel-moeda que circula. Assim, no que se refere aos valores espirituais, o “papel-moeda” representa a oferta apresentada a Deus que só terá valor se tiver como lastro uma vida santa e piedosa. Deus não se agradou da oferta ou culto sem lastro apresentado por Caim. Os dissimuladores denunciados por Judas prosseguiram no mesmo caminho de Caim: faziam de tudo para serem vistos no meio dos cristãos como quem cultua a Deus, como quem se apresenta diante dele com ofertas. Só que prestavam um culto de aparência, sem lastro, sem sinceridade e verdade, no estilo de Ananias e Safira. O que agrada a Deus é fazer como Abel: *“Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim; pelo qual obteve testemunho de ser justo, tendo a aprovação de Deus quanto às suas ofertas.”* (Hb 11.4)

2ª) Amargura sem reparação

“Irou-se, pois, sobremaneira, Caim, e descaiu-lhe o semblante. Então, lhe disse o SENHOR: Por que andas irado, e por que descaiu o teu semblante? Se procederes bem, não é certo que serás aceito? Se, todavia, procederes mal, eis que o pecado jaz à porta; o seu desejo será contra ti, mas a ti cumpre dominá-lo.” (Gn 4.5b-7)

Não se espera que alguém comemore uma repreensão ou uma frustração, nem mesmo de um cristão: *“Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois,*

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça." (Hb 12.11). Quando isto acontece, há, pelo menos, dois caminhos a seguir. O caminho da autoanálise, da introspecção, de rever tudo o que está errado, reparar e seguir em frente, agradando a Deus e fazendo a sua vontade. O outro caminho é se fazer de vítima, se sentir injustiçado, se irar contra Deus e contra aquele a quem ele escolheu e acolheu. O semblante se transfigura, o olhar destila ódio, de tal forma que até os animais de estimação evitam passar perto. Deus não o abandona e tenta pastoreá-lo com palavras mansas, cheias de misericórdia: *"Se procederes bem, não é certo que serás aceito?"* Mas ele não quer ser pastoreado. Não aceita ser contrariado. Não aceita ter sido repreendido. O Senhor não desiste dele, chega junto, adverte-o a dominar o seu rancor, pois se perseverar teimosamente no caminho errado, dando vazão ao seu instinto pecaminoso, isso crescerá de maneira incontrolável e avassaladora trazendo sequelas irreparáveis. Mas ele está longe de dar ouvidos à voz da sabedoria divina. Não era seu hábito antes, muito menos agora, depois de ser repreendido.

3ª) Vingança sem piedade

"Disse Caim a Abel, seu irmão: Vamos ao campo. Estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou." (Gn 4.8)

Quem é que nunca se perguntou por que Deus permite tanta maldade e violência no mundo? Por que ele não impede que os ímpios pratiquem tanto mal? Alguns chegam até a negar a existência de Deus por conta dessa sua suposta inatividade diante desse estado de coisas. O salmista Asafe, no salmo 73, se dedica a tratar do problema da aparente prosperidade dos maus. A certa altura ele reconhece suas limitações e diz: *"Em só refletir para compreender isso, achei mui pesada tarefa para mim; até que entrei no santuário de Deus e atinei com o fim deles."*

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

(Sl 73.16-17). Certamente há um triste fim para os ímpios, embora agora pareça que estão prevalecendo. Reprendido por Deus, Caim permitiu-se ser possuído pela ira, esta ira gestou nele o desejo de vingança. Como não lhe era possível se vingar de Deus, direcionou toda a força do seu ódio contra aquele que foi eleito e favorecido por Deus.

Quer saber qual é o grande desafio que eu e você temos nesta vida? Então veja o que diz Davi: *“Cantem de júbilo e se alegrem os que têm prazer na minha retidão; e digam sempre: Glorificado seja o SENHOR, que se compraz na prosperidade do seu servo!”* (Sl 35.27). É isso mesmo, nos alegrarmos com a retidão de vida e prosperidade do nosso irmão! O ódio de Caim o levou a matar Abel muito antes do ato físico praticado, isto é, na sua mente. Não é sem razão que o apóstolo João diz: *“Todo aquele que odeia a seu irmão é assassino; ora, vós sabeis que todo assassino não tem a vida eterna permanente em si.”* (1Jo 3.15). É preciso ficar muito atento a essa questão. Aquele que odeia a seu irmão em Cristo ou a outra pessoa qualquer, já cometeu o homicídio em sua mente e se tornou culpado desse pecado. Todo crime premeditado tem penas mais severas na legislação de um país. Assim se enquadra o crime de Caim: *“Vamos ao campo”*. Ali no campo, longe da família, ele, covardemente, descarregou toda a sua ira e todo o seu desejo de vingança sobre o seu irmão, desferindo sobre ele um violento golpe mortal; tudo premeditado.

4ª) Fuga da responsabilidade (indiferença)

“Disse o SENHOR a Caim: Onde está Abel, teu irmão? Ele respondeu: Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão? E disse Deus: Que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim. És agora, pois, maldito por sobre

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

a terra, cuja boca se abriu para receber de tuas mãos o sangue de teu irmão.”
(Gn 4.9-11)

Pensar que a violência e assassinato já estavam presentes nos primórdios, quando só existia uma família humana na face da terra, nos causa perplexidade. Constatar que desde o início Deus procurou não interferir nos atos humanos pode nos causar grande desconforto. Mas é preciso confiar em Deus, pois ele está no controle de todas as coisas. Sendo Deus Onisciente, Onipresente e Onipotente, não interferiu nesse ato horrendo de Caim. Por outro lado, seu ato não passou despercebido aos olhos de Deus, tal como aconteceu com o pecado de Adão e Eva, no Éden. Deus vai ao seu encontro e o questiona sobre o paradeiro do seu irmão. Não porque não o soubesse, mas para confrontá-lo com o seu pecado, para chamá-lo à responsabilidade. Tal tipo de gente acha que pode pecar contra Deus e contra o seu irmão e sair impune. Acha que pode mentir para Deus ou fugir da responsabilidade dos seus atos: “Não sei.” Aliás, esse tipo de resposta, de tão comum, chega a estar desgastada e se tornar ridícula: “não vi”, “não sabia”, “não fui eu” etc. Não pense Caim e seus seguidores que ficarão impunes: *“Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará.”* (Gl 6.7). Assim, Deus vingou imediatamente o sangue de Abel; Caim foi amaldiçoado. No Antigo Testamento era assim, PECOU, PAGOU. Quando tratamos de fuga da responsabilidade, devemos considerar dois aspectos igualmente importantes e pecaminosos. O primeiro é a tentativa de fuga da responsabilidade dos atos errados que cometemos. O segundo é a fuga da responsabilidade dos atos corretos que deveríamos praticar e nos omitimos. O primeiro é o pecado por comissão e o segundo, o pecado por omissão. A nossa omissão pode ser considerada indiferença, o que é muito grave.

Finalizando, vale lembrar as admoestações do apóstolo João quanto ao amor entre os irmãos: *“Porque a mensagem que ouvistes desde o*

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

princípio é esta: que nos amemos uns aos outros; não segundo Caim, que era do Maligno e assassinou a seu irmão; e por que o assassinou? Porque as suas obras eram más, e as de seu irmão, justas. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade.” (1Jo 3.11, 17 e 18). Diferentemente destes que andam no caminho de Caim, tirando a vida do seu irmão, devemos seguir o caminho de Cristo, que deu a sua vida pelos irmãos: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos.” (1Jo 3.16)

II.1.3 Balaão e o jogo dos 7 erros

11 *Ai deles! Porque prosseguiram pelo caminho de Caim, e, movidos de ganância, se precipitaram no erro de Balaão, e pereceram na revolta de Coré.*

11 ουαι αυτοις οτι τη οδω του καιν επορευθησαν και τη πλανη του βαλααμ μισθου εξεχυθησαν και τη αντιλογια του κορε απωλοντο

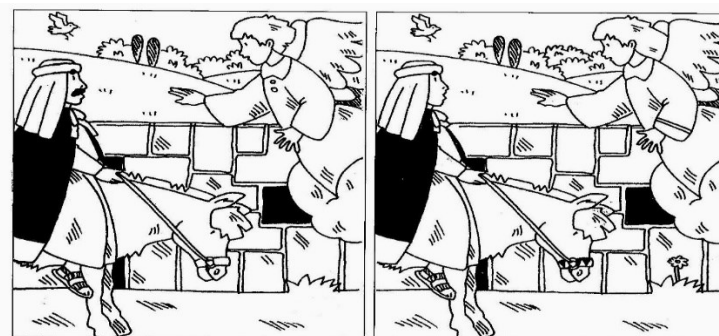
A história de Balaão, filho de Beor, o adivinho (Js 24.22), que prestava serviços espirituais ou era alugado para isso (Dt 23.4) pelo “preço dos encantamentos” (Nm 22.7), está registrada em Números 22 a 24. Sua morte é mencionada em Números 31.8 e Josué 13.22. Sua estratégia maligna contra o povo de Israel, para fazê-lo pecar e perder a proteção divina e, assim, ser derrotado, se encontra em Números 31.16. Tal feito tão inaudito mereceu várias citações no Antigo testamento (Dt 23.4-5; Js 24.9-10; Ne 13.2; Mq 6.5) e, também, no Novo Testamento (2Pe 2.15; Jd 11; Ap 2.4). Alguém poderia justificar tamanha publicidade pelo acontecimento mais inaudito ainda, que foi sua jumenta falar (Nm 22.28). Ledo engano, não foi essa a razão de tanta publicidade. No tempo da igreja primitiva, tal estratégia maligna ainda foi mencionada por Judas e pelos apóstolos Pedro e João, para servir de

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

alerta contra os falsos mestres ou líderes que seguiam pelo “caminho de Balaão” (2Pe 2.15) ou se precipitaram no “erro de Balaão” (Jd 11) ou sustentavam a “doutrina de Balaão” (Ap 2.14).

Quem nunca ouviu falar no jogo dos 7 erros? Nele há duas figuras, uma original e outra a cópia. A cópia parece ser igual a original, mas não é, pois contém sete diferenças introduzidas de propósito. O objetivo do jogo é encontrar esses sete “erros” da cópia. Assim acontece também com Balaão, parece que é um profeta de Deus, mas não é!



Encontre, no texto bíblico, esses sete erros:

1º erro: Parece ser profeta de Deus (Nm 22.6; 24-15-25)

Balaão era uma figura enigmática, misteriosa. Não era hebreu e vivia na Mesopotâmia, em Petor, junto ao Rio Eufrates (Nm 22.5). Porque ele também consultava a Deus e Deus vinha a ele (Nm 22.8-12); porque ele profetizou acontecimentos futuros (Nm 24.14-24); então, os mais apressados, deduzem logo tratar-se de um homem “convertido”, temente a Deus, profeta de Deus. Cuidado, nem tudo que reluz é ouro. Que fique bem claro que Deus é soberano e fala com quem ele quiser e da forma que achar melhor. Se ele falou através da jumenta de Balaão, o que lhe impediria de falar com o próprio ou através dele? O que a

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

Bíblia diz efetivamente de Balaão ou o que se pode depreender da sua leitura é que ele era um adivinho (Js 13.22), um vidente (“homem de olhos abertos” – Nm 24.15), alguém que vivia uma fé mesclada, um sincretismo espiritual, que incluía encantamentos e agouros (Nm 22.7; 24.1). Pode ser considerado um “profeta pagão” que desfrutava de grande reputação e prestígio, ao ponto de ser lembrado pelo rei dos moabitas, Balaque, para uma missão salvadora. Apavorado com a performance devastadora dos exércitos de Israel, Balaque enxerga como única saída para a sobrevivência do seu povo, uma ação efetiva no mundo espiritual. Para tanto, ele resolve lançar mão do poder irrefutável de Balaão, de abençoar ou de amaldiçoar (Nm 22.6).

2º erro: Parece ter comunhão com Deus (Nm 22.8-11)

Crente imaturo na fé e que não estuda a Bíblia, tem vocação para ser enganado e todos sabemos quem é o pai da mentira, o mestre dos enganadores. Em algumas igrejas, principalmente pentecostais ou neopentecostais, basta chegar alguém “falando em línguas” ou testemunhando ter sido poderosa e milagrosamente usado(a) por Deus, para ser reverenciado(a). Se Balaão vivesse em nossos dias, certamente seria um desses líderes denominacionais que arrasta multidões e ocupa uma vasta grade na mídia televisiva. É inegável que ele tinha contato com o Senhor, mas comunhão com o Senhor é outra coisa. Ele chega a impressionar os incautos, aparentando uma total dependência do Senhor: *“Balaão lhes disse: Ficai aqui esta noite, e vos trarei a resposta, como o SENHOR me falar;”* (Nm 22.8). Ele falava com Deus, apresentando-lhe a verdade dos fatos: *“Eis que o povo que saiu do Egito cobre a face da terra; vem, agora, amaldiçoa-mo; talvez eu possa combatê-lo e lançá-lo fora.”* (Nm 22.11). De igual forma, Deus falava com ele, fazendo-o conhecer a sua vontade: *“Então, disse Deus a Balaão: Não irás com eles, nem amaldiçoarás o povo; porque é povo abençoado.”* (Nm 22.12). Que coisa linda

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

e impressionante, mas era apenas contato. Outros detalhes do relato bíblico nos ajudarão a entender quem realmente era esse Balaão. Talvez, algum dia, possamos compreender a razão de Deus usar determinados tipos de pessoas, como Balaão.

3º erro: Parece querer fazer a vontade de Deus (Nm 22.13, 38)

Quando recebeu a primeira comitiva enviada por Balaque, Balaão fez questão de dizer-lhes que iria consultar o Senhor. Passou para eles a impressão de que vivia numa total e mística dependência do Senhor e de sua vontade. Ele consultou e Deus lhe deu resposta clara e objetiva: *“...Não irás com eles, nem amaldiçoarás o povo; porque é povo abençoado.”* (Nm 22.12). E, o que ele repassou para a comitiva? A resposta do Senhor? Não, mas a resposta que ele achou conveniente passar: *“...Tornai à vossa terra, porque o SENHOR recusa deixar-me ir convosco.”* (Nm 22.13b). Era uma resposta esvaziada da verdade divina. Era uma resposta que não fechava completamente as portas; a explicitação da dificuldade poderia induzir a uma maior generosidade por parte do contratante dos seus serviços. Era uma resposta que manifestava o verdadeiro caráter desse homem. Não há dúvida de que ele estava excitado com a proposta recebida e suas compensações. Seu foco não estava na realização da vontade do Senhor. Sua resposta para a comitiva, expressa de outra forma, ficaria assim: *“Por mim, eu iria com vocês, mas o Senhor está me impedindo de fazer isso”*. Um verdadeiro homem ou mulher de Deus, quando toma conhecimento da vontade do Senhor, não somente a transmite aos outros de forma integral e fiel, mas a assume, como expressão da sua própria vontade.

Mais adiante, após receber a segunda comitiva do rei, de passar um aperto com a sua jumenta e de ser advertido e pressionado pelo Anjo do Senhor, que lhe disse: *“...Vai-te com estes homens; mas somente*

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

aquilo que eu te disser, isso falarás." (Nm 22.35), ele chegou à presença do rei Balaque e disse-lhe: *"Respondeu Balaão a Balaque: Eis-me perante ti; acaso, poderei eu, agora, falar alguma coisa? A palavra que Deus puser na minha boca, essa falarei."* (Nm 22.38). A situação ficou apertada para ele, pois foi forçado por Deus a agir segundo a sua vontade, que era de abençoar e não de amaldiçoar o povo de Israel. Após ter abençoado Israel, pela primeira vez, e, sendo questionado por Balaque, ele responde: *"Mas ele respondeu: Porventura, não terei cuidado de falar o que o SENHOR pôs na minha boca?"* (Nm 23.12). Portanto, ele não era alguém que voluntária e espontaneamente procurava fazer a vontade do Senhor.

4º erro: Parece não priorizar recompensas financeiras (Nm 22.18; 2Pe 2.15; Jd 11)

A atitude do rei Balaque, enviando a comitiva que levava consigo "o preço dos encantamentos" (Nm 22.7), nos leva a crer que Balaão era remunerado pelos "serviços espirituais" prestados. Será que ele dava valor a essas recompensas financeiras? Após a primeira recusa de Balaão, Balaque resolve investir pesado para convencê-lo a amaldiçoar seu inimigo. A resposta de Balaão passa a mensagem de que sua fidelidade a Deus não pode ser comprada, pois não está à venda: *"Respondeu Balaão aos oficiais de Balaque: Ainda que Balaque me desse a sua casa cheia de prata e de ouro, eu não poderia traspasar o mandado do SENHOR, meu Deus, para fazer coisa pequena ou grande;"* (Nm 22.18). Linda e comovente essa declaração, não? Seria verdadeira? Parece que não. O versículo seguinte (v.19) desmascara o vidente: "para que eu saiba o que mais o SENHOR me dirá". O Senhor já havia lhe dito tudo, não havia razão para nova consulta. Mas a sua cobiça não lhe permitia recusar, de imediato, a segunda investida de Balaque. E tem mais. O apóstolo Pedro se refere aos falsos mestres de seu tempo como aqueles

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

que seguiam pelo caminho de Balaão, “que amou o prêmio da injustiça” (2Pe 2.15). Nesta mesma linha, Judas se refere aos que desconstruíam a fé cristã, como pessoas movidas de ganância que se precipitaram no erro de Balaão (Jd 11). As ofertas eram significativas, incluindo riquezas, honra e poder (Nm 22.7, 17; 24.11). Sem dúvida ele ficou fascinado, foi seduzido.

5º erro: Relativiza a palavra de Deus (Nm 22.19-22)

Por que Balaão é daqueles que relativiza a palavra de Deus; não a considera como absoluta e definitiva? Porque ele é do tipo que já conhece o que Deus disse, entretanto, não leva isso muito a sério, principalmente quando esta palavra não é muito favorável aos seus interesses. Então, lhe é muito conveniente, buscar novas revelações, revelações mais fresquinhas: “*agora, pois, rogo-vos que também aqui fiqueis esta noite, para que eu saiba o que mais o SENHOR me dirá.*” (Nm 22.19). Já que ele tornou a consultar o Senhor, o Senhor lhe deu novas instruções: “*Veio, pois, o SENHOR a Balaão, de noite, e disse-lhe: Se aqueles homens vieram chamar-te, levanta-te, vai com eles; todavia, farás somente o que eu te disser. Então, Balaão levantou-se pela manhã, albardou a sua jumenta e partiu com os príncipes de Moabe.*” (Nm 22.20-21). Quando Deus lhe deu uma resposta um pouco diferente, seu coração ficou em festa. Não é que Deus tenha mudado de ideia. Porém, como Balaão estava tão interessado em ir, Deus aproveitou para abençoar seu povo através dele. Na verdade ele não cuidou de observar os detalhes da palavra do Senhor: “*Se aqueles homens vieram chamar-te,*”. É o tipo de gente que ouve primeiro a voz da sua própria vontade, ou distorce a palavra de Deus a favor de seus interesses. Ele foi sem ser chamado e provocou a ira de Deus.

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

6º erro: Tem más intenções no coração (Nm 22.32)

Balaão estava mesmo determinado a se encontrar com Balaque. Deus conhecia muito bem os propósitos do seu coração que não eram bons: *“Então, o Anjo do SENHOR lhe disse: Por que já três vezes espancaste a jumenta? Eis que eu saí como teu adversário, porque o teu caminho é perverso diante de mim;”* (Nm 22.32). Observe que não estamos de má vontade com Balaão; não se trata de antipatia gratuita. O próprio Anjo do Senhor é quem revela as intenções do coração dele e, por pouco não o matou, poupando a jumenta (Nm 22.33). Vejam que, ainda que alguém da estirpe de Balaão seja seduzido a agir contra os remidos do Senhor, Deus está no controle e nos protege: *“Pois contra Jacó não vale encantamento, nem adivinhação contra Israel; agora, se poderá dizer de Jacó e de Israel: Que coisas tem feito Deus!”* (Nm 24.23).

7º erro: Faz tropeçar o povo de Deus (Nm 25.1-5, 9; 31.16; Ap 2.4)

Parece que Balaque e Balaão não chegaram a um acordo sobre amaldiçoar o povo de Israel. O final do capítulo 24 de Números registra que cada um tomou o seu caminho e foi para a sua terra. Aparentemente o povo de Israel tinha sido poupado da maldição de Balaão. Entretanto, o pior ainda estava por vir. O capítulo 25 de Números traz o triste registro da armadilha maligna na qual o povo caiu. Balaão sabia que não tinha licença ou autorização divina para amaldiçoar Israel, mas sabia muito bem como retirar dele a blindagem da proteção divina. Aparentemente, antes de partir para sua terra, ele fez o trabalho sujo junto às mulheres moabitas: *“Eis que estas, por conselho de Balaão, fizeram prevaricar os filhos de Israel contra o SENHOR, no caso de Peor, pelo que houve a praga entre a congregação do SENHOR.”* (Nm 31.16). Os falsos líderes denunciados por Pedro e Judas sabem muito bem como “transformarem em libertinagem a graça de Deus”.

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

“Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição.” (Ap 2.4). Aqui temos o ápice da sua malignidade: fazer tropeçar o povo de Deus. Todos os seus erros ou deformidades, citados anteriormente, desaguam nessa perversa e maligna estratégia de desconstruir a fé cristã.

II.1.4 A revolta de Coré

11 *Ai deles! Porque prosseguiram pelo caminho de Caim, e, movidos de ganância, se precipitaram no erro de Balaão, e pereceram na revolta de Coré.*

11 ουαι αυτοις οτι τη οδω του καιν επορευθησαν και τη πλανη του βαλααμ μισθου εξεχυθησαν και τη αντιλογια του κορε απωλοντο
Quem foi Coré ou Corá? Quais os motivos da sua rebelião? E o desfecho?

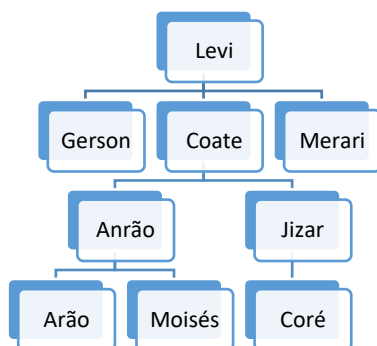
Coré não é muito citado na Bíblia. No Antigo Testamento, há algumas referências aos seus ascendentes e descendentes (os coreítas). Ele era da tribo de Levi, seu bisavô. Seu avô era Coate e seu pai Jizar (ou Isar ou Aminadabe) (Ex 6.21; 1Cr 6.22; Nm 16.1). Seus filhos foram Assir, Elcana, Abiasafe (ou Ebiasafe) (Ex 6.24; 1Cr 6.22. 37; 1Cr 9.9). A história de sua rebeldia encontra-se em Números 16. Há mais duas referências a ele em Números 26.9-11 e 27.3. No Novo Testamento há apenas uma referência a ele, em Judas 11.

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)



a) Quem eram os rebeldes



O líder dos rebeldes era Coré, bisneto de Levi e primo de Moisés. Portanto, estes eram levitas. Coré se associou a dois irmãos, Datã e Abirão (Nm 16.1, 12, 24, 25, 27; 26.9; Dt 11.6; Sl 106.17) e, também, a Om, sendo todos eles da tribo de Ruben. Contou ainda com o apoio de duzentos e cinquenta homens, príncipes da congregação, eleitos por ela, homens de renome (Nm 16.2). Todos eles se juntaram contra Moisés e Arão, para dar um basta à sua liderança sobre o povo.

b) As causas da rebelião

“Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria,” (1Sm 15.23)

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

1ª) Uma visão equivocada

“e se ajuntaram contra Moisés e contra Arão e lhes disseram: Basta! Pois que toda a congregação é santa, cada um deles é santo, e o SENHOR está no meio deles; ...” (Nm 16.3a)

Uma coisa é ser chamado para ser santo, outra coisa é ser santo, separado. O verdadeiro líder enfatiza a necessidade dos irmãos viverem em santidade de vida, para desfrutarem da comunhão com um Deus que é Santo. Os falsos líderes promovem a libertinagem e fazem vista grossa para o pecado. Banalizam a Graça Divina e promovem a falta de temor à Santidade de Deus. As condições estabelecidas por Deus a este respeito são muito claras: *“Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa. São estas as palavras que falarás aos filhos de Israel.”* (Êx 19.5-6). Santidade não é rótulo, mas um “estilo” de vida.

2ª) Ambição pelo poder

“.... por que, pois, vos exaltais sobre a congregação do SENHOR?” (Nm 16.3)

“.... senão que também queres fazer-te príncipe sobre nós?” (Nm 16.13)

A alegação ou acusação dos rebeldes era a suposta usurpação do poder por parte de Moisés e Arão. É espantoso verificar que, mesmo depois de tantas manifestações milagrosas e incontestáveis do poder de Deus pela intermediação de Moisés (pragas, mar se abrindo etc), essa gente pudesse ainda questionar a liderança e autoridade de Moisés e Arão. Percebe-se, da parte deles, uma inveja incontrolável de Moisés. Afinal, por que esse tal Moisés deveria ser o protagonista de tudo isso?

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

Quem era ele? Foi criado na corte de Faraó. Depois de adulto, com quarenta anos de idade, fugiu para uma terra distante, ficando ali outros quarenta anos. Enquanto isso eles habitaram e sofreram junto ao povo cativo. Agora, depois de todo esse tempo, ele vem de fora para se fazer príncipe sobre o povo? Acontece sempre aquela velha e recorrente situação: “antiguidade é posto, temos que respeitar”, “chegou agora e já quer se sentar à janela”. O ser humano, inclusive o cristão, precisa entender que, não importa se o líder é de perto ou é de longe. O que realmente importa é se ele é o melhor para a função e, no caso da igreja, se ele é o designado pelo Soberano Senhor dos céus e da terra para exercer aquela liderança!

3ª) Ambição pelo sacerdócio

“acaso, é para vós outros coisa de somenos que o Deus de Israel vos separou da congregação de Israel, para vos fazer chegar a si, a fim de cumprirdes o serviço do tabernáculo do SENHOR e estardes perante a congregação para ministrar-lhe; e te fez chegar, Coré, e todos os teus irmãos, os filhos de Levi, contigo? Ainda também procurais o sacerdócio?” (Nm 16.9-10)

Na matança dos primogênitos dos egípcios, os primogênitos de Israel foram poupados. Assim, os primogênitos de Israel passaram a pertencer ao Senhor. Então, Deus fez uma troca, desses primogênitos (inclusive dos animais), por todos os homens da tribo de Levi (Nm 3.12-13). Quando Deus separou a tribo de Levi das demais tribos de Israel, não lhe deu herança de terra, mas eles deveriam receber cidades no meio das possessões das demais tribos (Nm 35.2ss). Também os consagrou para o serviço de Deus, primeiramente no Tabernáculo, depois, no Templo. Todos os levitas foram designados para exercer algum encargo na tenda da congregação. Eles deveriam atuar sob a

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

liderança de Arão e seus filhos (Nm 3.9). Em Números 3 e 4 as tarefas relativas ao Tabernáculo são distribuídas pelas famílias dos três filhos de Levi: Gerson, Coate e Merari. Basicamente, coube aos filhos de Gerson cuidar da infraestrutura externa (montagem, desmontagem e transporte) (Nm 3.21-26; 4.21-28); aos filhos de Merari cuidar da infraestrutura interna (montagem, desmontagem e transporte) (Nm 3.33-37; 4.29-33); e, aos filhos de Coate cuidar do mobiliário e utensílios sagrados do santuário (montagem, desmontagem e transporte) (Nm 3.27-32; 4.1-20). É importante observar que coube à família de Coate a parte mais delicada, cuidar das “coisas santíssimas” (Nm 4.4), como a arca, com risco de morte: *“Isto, porém, lhe fareis, para que vivam e não morram, quando se aproximarem das coisas santíssimas: Arão e seus filhos entrarão e lhes designarão a cada um o seu serviço e a sua carga. Porém os coaitas não entrarão, nem por um instante, para ver as coisas santas, para que não morram.”* (Nm 4.19-20). Tudo isso foi estabelecido por Deus, por intermédio de Moisés, inclusive o tão cobiçado sacerdócio: *“Mas a Arão e a seus filhos ordenarás que se dediquem só ao seu sacerdócio, e o estranho que se aproximar morrerá.”* (Nm 3.10).

A igreja é o corpo de Cristo, onde cada membro tem a sua função. É o próprio Senhor quem vocaciona, chama e elege aqueles que devem ser reconhecidos como líderes do rebanho. É danoso para o Corpo de Cristo, quando alguém ambiciona posições e cargos, para os quais o Senhor não o designou, ou quando queremos impor, pela força, aqueles que o Senhor não escolheu para determinada missão. Cada um tem uma missão importante e específica a realizar no reino de Deus e deve se deixar conduzir pelo Espírito Santo de Deus!

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

c) O desenrolar da rebelião

➤ A prova do líder e dos santos (Nm 16.4-7; 16-19; 27-30)

“E falou a Coré e a todo o seu grupo, dizendo: Amanhã pela manhã, o SENHOR fará saber quem é dele e quem é o santo que ele fará chegar a si; aquele a quem escolher fará chegar a si.” (Nm 16.5)

Diante da inesperada rebelião, Moisés não teve outra alternativa senão submeter ao Senhor o arbítrio daquela questão. Moisés estabeleceu dia e hora para o confronto entre a liderança espiritual divinamente instituída e a liderança rebelde. A resposta seria dada pelo próprio Deus! Duas situações haveriam de ser julgadas ali: 1ª) Quem é dele; 2ª) Quem é o santo autorizado a aproximar-se do Senhor. As instruções da prova foram passadas. Ambos os lados deveriam comparecer diante de Deus com os seus incensários acesos; Moisés com o fogo tirado do altar e os rebeldes com o fogo estranho (Nm 16.16-19). Na sua fala final, Moisés esclarece que se algo fora do comum, se coisa inaudita acontecesse ali, levando os rebeldes à morte, ficaria provado que ele era um enviado do Senhor e os seus opositores aqueles que desprezaram ao Senhor (Nm 16.27.30)

➤ A intransigência dos rebeldes e a ira de Moisés (Nm 16.12-15)

Os rebeldes não demonstraram qualquer interesse em dialogar. Eles fizeram o que é característico dos rebeldes: 1º) Acusar os líderes de não dar ao povo uma boa qualidade de vida; 2º) Acusar os líderes de usurpação de poder, de poder não legitimado pelo povo; 3º) Acusar os líderes de enganar os mais simples. É interessante como Moisés, o homem mais manso da terra (*“Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra.”* Nm 12.3) perde a paciência e

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

desabafa com Deus. Aí, quem perde a paciência é Deus e Moisés tenta aplacar sua ira.

➤ A ira divina e a intercessão de Moisés (Nm 16.20-27)

Diante de tanto atrevimento e rebeldia, a vontade de Deus era de exterminar toda a congregação, imediatamente. Essa era já a terceira vez que Deus manifestou este desejo e foi contido por Moisés (Ver as outras duas: Êx 32.10; Nm 14.11). Mais uma vez o Senhor cedeu e aguardou a separação física entre os rebeldes e o restante da congregação (Nm 16.23-26).

d) As consequências da rebelião

1º castigo: A Coré, Datã e Abirão (Nm 16.31-34)

A terra se abriu e engoliu os três líderes, seus homens e seus bens. E o povo fugiu.

2º castigo: Aos 250 príncipes da congregação (Nm 16.35)

Fogo procedente do Senhor consumiu os duzentos e cinquenta homens que se apresentaram diante do Senhor com fogo estranho.

3º castigo: Aos 14.700 murmuradores da congregação (Nm 16.41-50)

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

Como se as tragédias ocorridas não fossem suficientes para convencer aquela congregação também rebelde, eles tiveram a ousadia de murmurar contra Moisés e Arão, culpando-os de tamanha matança. Mais uma vez a ira divina se manifesta, agora pela 4ª vez (Nm 16.45), para exterminar toda a congregação. A praga dizimou 14.700 murmuradores. Não fora a expiação do povo, providenciada por Arão, sob a ordem de Moisés, toda a congregação teria sido dizimada. Na verdade, desde que a sentença divina fora pronunciada, por ocasião do relatório negativo dos 10 espias, isto é, que os de vinte anos para cima (exceto Josué e Calebe), não entrariam na terra prometida (Nm 14.20-30), a congregação se tornou propensa a rebeldia.

De tudo o que foi exposto anteriormente, fica claro o alto preço que é pago pelos rebeldes e seus seguidores.

II.1.5 Mais características:

- 12 *Estes homens são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banqueteadando-se juntos sem qualquer recato, pastores que a si mesmos se apascentam; nuvens sem água impelidas pelos ventos; árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas;*
- 12 ουτοι εισιν εν ταις αγαπαις υμων σπιλαδες συνευωχουμενοι αφοβως εαυτους ποιμαινοντες νεφελαι ανυδροι υπο ανεμων περιφερομεναι δενδρα φθινοπωρινα ακαρπα δις αποθανοντα εκριζωθεντα
- 13 *ondas bravias do mar, que espumam as suas próprias sujidades; estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negridão das trevas, para sempre.*
- 13 κυματα αγρια θαλασσης επαφιζοντα τας εαυτων αισχυνας αστερες πλανηται οις ο ζοφος του σκοτους εις τον αιωνα τετηρηται

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

16 *Os tais são murmuradores, são descontentes, andando segundo as suas paixões. A sua boca vive propalando grandes arrogâncias; são adulares dos outros, por motivos interesseiros.*

16 ουτοι εισιν γογγυσται μεμψιμοιροι κατα τας επιθυμιας αυτων πορευομενοι και το στομα αυτων λαλει υπερογκα θαυμαζοντες προσωπα ωφελειας χαριν

➤ Rochas submersas

“Estes homens são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banquetecendo-se juntos sem qualquer recato,”

O grego “*spilades*” é aqui traduzido por “rochas submersas”. Em outras traduções por “máculas ou manchas”: “*Estes são manchas em vossas festas de amor*” (ARC⁵ Fiel). Isto porque as festas ágape ou festas de amor eram corrompidas pelas práticas pecaminosas desses indivíduos. Quando algo impuro, sujo, estragado é misturado ao todo, tira-lhe a pureza, corrompe, estraga tudo. Outros acham que a figura de “rochas submersas” é melhor, mais forte, mais próximo da realidade náutica do povo. Muitos viviam da pesca, estavam acostumados a navegar e conheciam bem os perigos da profissão. Judas faz uma interessante analogia, alertando os “navegantes da fé” para o perigo de naufrágio proporcionado por essas rochas submersas, *icebergs* malignos, encarnados nesses dissimuladores, sutilmente infiltrados nas festas de fraternidade da igreja. Podem até ser membros da igreja, participantes da solene celebração da Ceia do Senhor, entretanto, participando de forma desonrosa como denunciado por Paulo em 1Coríntios 11.21-22. Eles, também se misturam em outras festividades da igreja, corrompendo os bons costumes, mundanizando o arraial de

⁵ ARC: Almeida Revista e Corrigida

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

Deus. Mesmo uma igreja, tão grande, forte e bem estruturada como um Titanic pode naufragar se não atentar para essas rochas submersas.

➤ **Pastores de si mesmos**

“pastores que a si mesmos se apascentam;”

Tais indivíduos não têm qualquer vocação e interesse em cuidar do rebanho do Senhor. São pastores que não buscam o bem das ovelhas, mas lobos que estão interessados nos bens das ovelhas. É como diz o profeta: *“Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas? Comeis a gordura, vestis-vos da lã e degolais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortaleceste, a doente não curastes, a quebrada não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazer e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza.”* (Ez 34.1-4; ver tb Ez 34.8). O apóstolo Paulo, por diversas vezes, questionou o fato da igreja estar tolerando tais pessoas (2Co 11.3-4; 19-20).

Na sequência, Judas apresenta quatro interessantes figuras ligadas à natureza:

➤ **Nuvens sem água**

“nuvens sem água impelidas pelos ventos;”

Enquanto Judas os descreve como “nuvens sem água”, Pedro usa a figura de “fontes sem água” (2Pe 2.17). Ninguém desconhece o valor das nuvens carregadas de água que regam a terra e mantém a vida vegetal e animal (Sl 147.7-9). Para que servem nuvens vazias levadas de um lado para o outro pela força dos ventos? São inúteis (Pv 25.14).

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

Assim são os dissimuladores, estéreis. Prometem, enganam, difundem ensinamentos vazios que não produzem vida, pois não têm a “água da vida” para distribuir com os seus ouvintes. E, assim, são impelidos de um lado para o outro, ensinando o erro e frustrando os ingênuos na fé.

➤ **Árvores estéreis**

“árvores em plena estação dos frutos, destes desprovidas, duplamente mortas, desarraigadas;”

Não se trata de árvores quaisquer, mas de árvores do tipo que dão fruto. Porém, em plena estação, não dão frutos. A mesma ideia de expectativa desapontada da metáfora anterior está aqui presente. Não passa de propaganda enganosa o que sai de sua boca. Duplamente mortas são aquelas vidas que não produzem “fruto de arrependimento” (Mt 3.8), nem o fruto da habitação do Espírito Santo (Gl 5.22-23), nem o fruto de louvor (Hb 13.15) e nem os frutos do serviço cristão (Cl 1.6). Para estes que já estão espiritualmente mortos, desarraigados, não há outra alternativa senão o juízo; serem cortados e lançados fora (Jr 17.10; 32.19; Mt 3.10; 21.19; Lc 3.9; 13.6-9; Jo 15.2). Por outro lado, o que se espera dos justos é bem diferente: *“Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido.”* (Sl 1.3; Jr 17.8)

➤ **Ondas bravias do mar**

“ondas bravias do mar, que espumam as suas próprias sujidades;”

As ondas bravias do mar criam repulsa, amedrontam, têm alto poder de destruição. Elas remexem o fundo do mar espalhando a sujeira antes oculta. Assim são estes indivíduos, quanto mais se agitam, mais fazem aflorar as sujidades, as imundícies depositadas no fundo

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

dos seus corações: *“Mas os perversos são como o mar agitado, que não se pode aquietar, cujas águas lançam de si lama e lodo.”* (Is 57.20). Essas sujidades são seus atos e palavras impuros, suas mentiras e enganos, suas falsas doutrinas, suas paixões infames etc.

➤ **Estrelas errantes**

“estrelas errantes, para as quais tem sido guardada a negridão das trevas, para sempre.”

Alguns pensam que a referência poderia ser a meteoros ou estrelas cadentes que riscam os céus e desaparecem na escuridão. Na hermenêutica bíblica estrela tem o significado de “sinal, aviso, juízo, autoridade sujeita a juízo de Deus; também pastores”. A brilhante estrela da manhã é o Senhor Jesus Cristo (Ap 22.16). Os anjos caídos também são figura de estrelas errantes (Ap 12.4). Neste caso, estes indivíduos seriam aqui equiparados aos demônios que seduzem ao erro e conduzem os seus seguidores para o abismo. É interessante que eles têm algum brilho, mas é o brilho efêmero das estrelas cadentes. Eles são seres errantes, não se sujeitando a qualquer caminho ou trajetória estabelecidos por Deus. Por fim, eles estão destinados para a negridão das trevas, por toda a eternidade.

Finalmente, temos mais três características desses dissimuladores:

➤ **Murmuradores descontentes**

“Os tais são murmuradores, são descontentes, andando segundo as suas paixões.”

A murmuração e o descontentamento são irmãos gêmeos. Era uma marca registrada do povo de Israel que saiu do Egito rumo à terra prometida. O caminho da graça não os satisfaz. Eles querem se impor

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

e não se submetem às autoridades. Querem viver do seu próprio jeito, segundo as suas paixões e não admitem repreensão ou serem contrariados.

➤ **Propaladores de arrogâncias**

“A sua boca vive propalando grandes arrogâncias;”

A insolência faz parte do seu estado natural. São arrogantes e prepotentes, incansáveis em verbalizar isso.

➤ **Aduladores interesseiros**

“são aduladores dos outros, por motivos interesseiros.”

São capazes de fazer qualquer coisa, inclusive praticar a bajulação de determinadas pessoas, com o fim maior de alcançarem seus objetivos escusos.

II.2 O juízo já está determinado sobre eles (vv.14-15)

14 *Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades,*

14 προεφητευσεν δε και τουτοις εβδομος απο αδαμ ενωχ λεγων ιδου ηλθεν κυριος εν μυριασιν αγιας αυτου

15 *para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele.*

15 ποιησαι κρισιν κατα παντων και εξελεγξαι παντας τους ασεβεις αυτων περι παντων των εργαων ασεβειας αυτων ων ησεβησαν και περι παντων των σκληρων ων ελαλησαν κατ αυτου αμαρτωλοι ασεβεις

JUDAS

II. OS ADVERSÁRIOS DE CRISTO E SUA IGREJA (vv. 8-16)

O Enoque aqui referido é o mesmo que foi transladado e não experimentou a morte (Gn 5.18-24; Hb 11.5). O texto o identifica como “o sétimo depois de Adão”, ou seja: “Adão, Sete, Enos, Cainã, Maalalel, Jared, Enoque, Metusalém, Lameque, Noé, Sem, Cam e Jafé.” (1Cr 1.1-4). Judas o menciona aqui como profeta e essa tal profecia a ele atribuída é uma citação do livro apócrifo ou pseudepigráfico de I Enoque⁶. Certamente essa literatura era familiar aos seus leitores e sua citação não é um atestado de que Judas considerava este livro inspirado e canônico. O texto faz referência à segunda vinda de Cristo, com os seus anjos, para executar o juízo sobre todos os ímpios, entre os quais esses dissimuladores. Essa ideia era bem conhecida na segunda metade do primeiro século da era Cristã (Mt 25.31ss; Ap 19.11ss).



⁶ O livro mais antigo e mais volumoso, usualmente intitulado I Enoque foi de autoria conjunta, tendo sido escrito na Palestina, provavelmente em aramaico, entre o terceiro e o primeiro séculos A.C., tendo sido preservado em sua totalidade somente em sua tradução etíope, embora alguns fragmentos da tradução grega também existiam até hoje. II Enoque provavelmente foi escrito no Egito, em grego, durante a primeira metade do século 1 DC. Tem sobrevivido somente na sua tradução eslavônica. (Novo Testamento Interpretado)

JUDAS

III. EXORTAÇÕES À IGREJA (vv.17-23)

III. EXORTAÇÕES À IGREJA (vv.17-23)

Nesta parte final da epístola, Judas deixa um pouco de lado o foco nos adversários de Cristo e sua igreja, dedicando-se a passar-lhes algumas orientações, incentivando-os a permanecerem firmes na fé e na esperança, edificando-se mutuamente.

III.1 Relembrando as advertências (vv.17-19)

17 *Vós, porém, amados, lembrai-vos das palavras anteriormente proferidas pelos apóstolos de nosso Senhor Jesus Cristo,*

17 *υμεις δε αγαπητοι μνησθητε των ρηματων των προειρημενων υπο των αποστολων του κυριου ημων ιησου χριστου*

18 *os quais vos diziam: No último tempo, haverá escarnecedores, andando segundo as suas ímpias paixões.*

18 *οτι ελεγον υμιν οτι εν εσχατω χρονω εσονται εμπαικται κατα τας εαυτων επιθυμιας πορευομενοι των ασεβειων*

19 *São estes os que promovem divisões, sensuais, que não têm o Espírito.*

19 *ουτοι εισιν οι αποδιοριζοντες ψυχικοι πνευμα μη εχοντες*

De nada adianta tomar conhecimento de avisos e advertências e ignorá-los. Judas acrescenta às suas advertências as palavras dos demais apóstolos nesta mesma linha (1Tm 4.1; 2Pe 2; 3.3; 1Jo 4.1). Vê-se aqui a importância da palavra escrita ou falada no combate ao erro e aos propagadores do erro. Ao lembrar-lhes de tais palavras, ele volta a descrever as características desses infiltrados:

➤ **Escarnecedores, vivendo em ímpias paixões**

Eles são pessoas do tipo que têm um viver mundano, não comprometido com a moral, a ética e a santidade cristãs e, ainda,

JUDAS

III. EXORTAÇÕES À IGREJA (vv.17-23)

debocham e ridicularizam os que creem e seguem os ensinamentos bíblicos.

➤ Promotores de divisões

Não é difícil entender que aqueles que estão centrados em Deus e na sua Palavra corroboram para a unidade do corpo de Cristo. Da mesma forma, o que se pode esperar de pessoas centradas em si mesmas e em suas próprias ambições é a quebra da unidade, o desvio da verdade divina, as divisões.

➤ Sensuais

Sensualidade é um modo de vida voltado para a carne e seus prazeres transitórios. Entretanto, somos chamados para mortificar a carne e viver no Espírito, priorizando e olhando para as coisas que são do alto (Rm 8.13; Cl 3.2).

➤ Não têm o Espírito

Aqueles que não têm o Espírito não são de Deus, não são regenerados, não são novas criaturas. Portanto, é por isso que fazem o que fazem.

III.2 Fortalecendo-se na fé (vv.20-21)

20 *Vós, porém, amados, edificando-vos na vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo,*

20 *ὁμεις δε αγαπητοι τη αγιωτατη υμων πιστει εποικοδομουντες εαυτους εν πνευματι αγιω προσευχομενοι*

JUDAS

III. EXORTAÇÕES À IGREJA (vv.17-23)

21 *guardai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo, para a vida eterna.*

21 εαυτους εν αγαπη θεου τηρησατε προσδεχομενοι το ελεος του κυριου ημων ιησου χριστου εις ζωνη αιωνιον

Judas continua exortando a igreja quanto ao que deve observar até aquele grande dia em que irá comparecer diante do Senhor. Quatro aspectos são destacados por ele:

➤ **Edificação na fé**

A metáfora da edificação é sempre oportuna e frequentemente utilizada nas Escrituras. Quem nunca acompanhou o trabalho progressivo e constante em uma construção? Primeiramente os alicerces; depois, as estruturas de sustentação (colunas e vigas); o fechamento das paredes e a colocação do teto, os acabamentos internos etc. Assim deve acontecer com a igreja e com nossas vidas, individualmente, e na sequência apresentada. A edificação na fé se faz por meio da Palavra de Deus em nós, pois a fé vem pelo ouvir (Rm 10.17). Essa é a edificação espiritual para a habitação do Espírito em nós (Mt 7.24-27; 1Co 3.10-17; Ef 2.20-22; Cl 1.23; 2.7; Hb 3.1-6; 1Pe 2.4-10).

➤ **Oração no Espírito**

Se Deus fala conosco por meio da sua Palavra, edificando-nos para viver de conformidade com a sua vontade, na oração buscamos nele a força necessária para superar todas as nossas limitações e fraquezas. Não fosse a preciosa habitação do Espírito Santo em nós, bem como sua intercessão junto ao Pai Celeste, não saberíamos orar como convém e

JUDAS

III. EXORTAÇÕES À IGREJA (vv.17-23)

não alcançaríamos o seu favor. Orar no Espírito é orar em plena comunhão com ele (Ef 6.18) e assistido por ele (Rm 8.26).

➤ Refúgio em Deus

Quando nos refugiamos no imensurável amor de Deus que nos alcança e abraça, somos por ele abrigados e protegidos dos ataques dos falsos mestres e suas heresias, bem como de toda a forma do mal. Disse Jesus: *“Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal.”* (Jo 17.12, 15)

➤ Esperança em Cristo

Somos duplamente abençoados enquanto aguardamos a manifestação de Cristo em glória para nos levar ao lar eterno. Primeiramente, porque essa bendita esperança já produz aqui e agora o gozo da sua real presença e vitória nas lidas diárias. Em segundo lugar, porque lá e então, no dia do terrível juízo divino que virá sobre toda a raça humana e sobre os anjos caídos, as misericórdias do Senhor nos pouparão desse julgamento. Enquanto os ímpios estremecem diante de tal acontecimento, nós, servos do Senhor, descansamos nas suas promessas e misericórdias.

III.3 Ajudando os mais fracos (vv.22-23a)

22 *E compadecei-vos de alguns que estão na dúvida;*

22 και ους μεν ελεειτε διακρινομενοι

JUDAS

III. EXORTAÇÕES À IGREJA (vv.17-23)

23 *salvai-os, arrebatando-os do fogo; quanto a outros, sede também compassivos em temor, detestando até a roupa contaminada pela carne.*

23 ους δε εν φοβω σωζετε εκ του πυρος αρπαζοντες μισουντες και τον απο της σαρκος εσπιλωμενον χιτωνα

A segurança e certeza da vida eterna não devem gerar em nós o acomodamento e alienação de responsabilidade em relação aos que não estão seguros em Cristo. Nós que fomos alcançados pela misericórdia divina somos exortados por Judas a mostrar misericórdia aos perdidos. Uma variante textual sugere “*convencei os que estão em dúvida*”, o que não deixa de ser nossa tarefa e obrigação. Há momentos em que o deboche, o descaso, o desinteresse e a incredulidade dos pecadores perdidos que nos cercam quase extingue em nós qualquer vontade de mostrar-lhes o caminho da salvação em Cristo Jesus. O apelo de Judas é bastante forte, procurando romper nossa inércia e indiferença. Ele direciona nosso olhar para o desfecho trágico que aguarda os que não estão em Cristo, na tentativa de nos sensibilizar a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para salvá-los. É claro que não cabe a nós salvá-los, mas, tão somente, mostrar-lhes o caminho da Salvação.

III.4 Compadecendo-se em temor (vv.23b)

23 *salvai-os, arrebatando-os do fogo; quanto a outros, sede também compassivos em temor, detestando até a roupa contaminada pela carne.*

23 ους δε εν φοβω σωζετε εκ του πυρος αρπαζοντες μισουντες και τον απο της σαρκος εσπιλωμενον χιτωνα

Aparentemente, nesses versículos 22 e 23, Judas nos coloca diante de dois grupos de pessoas: “os que estão em dúvida” e “outros”. Provavelmente, os que estavam em dúvida eram aqueles que tinham

JUDAS

III. EXORTAÇÕES À IGREJA (vv.17-23)

recebido a verdade, mas estavam sendo confundidos pelos dissimuladores infiltrados no rebanho de Deus. Já esses “outros”, pode ser uma referência aos próprios dissimuladores. Quanto ao primeiro grupo já vimos o que Judas recomendara. Quanto ao segundo grupo, parece que nada há a ser feito em prol da salvação deles. Entretanto, duas atitudes são recomendadas: “compaixão em temor” e “afastamento”. Parece difícil conciliar as duas coisas? De certa forma a ideia é de ter misericórdia da pessoa e repulsa ao seu pecado. *“Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem lhe deis as boas-vindas.”* (2Jo 1.10, ver ainda 1Tm 6.3-5). Não vamos praticar qualquer maldade contra tais pessoas, mas não dá para ter comunhão com elas.



JUDAS

ΕΠÍΛΟΓΟ (vv.24-25)

ΕΠÍΛΟΓΟ

Doxologia (vv.24-25)

24 *Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeços e para vos apresentar com exultação, imaculados diante da sua glória,*

24 τω δε δυναμενω φυλαξαι αυτους απταιστους και στησαι κατενωπιον της δοξης αυτου αμωμους εν αγαλλιασει

25 *ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém!*

25 μονω σοφω θεω σωτηρι ημων δοξα και μεγαλωσυνη κρατος και εξουσια και νυν και εις παντας τους αιωναs αμην

A Doxologia é uma bela expressão de exaltação, louvor e glória a Deus. Outras doxologias se encontram em Romanos 11.33-36; 16.25-27; Gálatas 1.5; Efésios 3.21; Filipenses 4.20; 1Timóteo 1.17; Apocalipse 4.10-11; 5.12-13; 15.3-4. Nesta expressiva Doxologia, Judas não deixa de fazer referência, ainda que de forma indireta, aos dissimuladores que tudo fazem para colocar tropeço no caminho dos que querem seguir a Cristo. Mas eles não estão sozinhos nesta batalha. No seu tributo de louvor a Deus Judas o exalta expressando três verdades que nos trazem confiança e segurança:

1ª) Ele tem todo o poder para agir nas diversas situações e nos guardar de tropeçar;

2ª) Ele tem todo o poder para nos apresentar, sem mácula, diante da glória eterna do Pai Celeste, naquele grande dia;

JUDAS

EPÍLOGO (vv.24-25)

3ª) Ele é o único Deus, capaz de nos prover a eterna salvação, pela mediação de Jesus Cristo, seu Filho.

Diante de tão esplendorosas verdades, a Ele toda a honra e glória e majestade e soberania, antes, agora e eternamente. Amém!



JUDAS

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

1. 2Pedro e Judas (Hernandes Dias Lopes –2013).
2. Síndrome de Lúcifer (Caio Fábio D’Araújo Filho – 1988).
3. O Novo Testamento Interpretado, versículo por versículo (Russel Norman Champlin, Ph D. – 1982).
4. A Bíblia Anotada (Mundo Cristão – Versão Almeida, Revista e Atualizada).
5. Bíblia Online (Aplicativo – Versão 3.0).
6. The Analytical Greek Lexicon Revised (Harold K. Moulton – 1978).



“Amados, quando empregava toda a diligência em escrever-vos acerca da nossa comum salvação, foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos.” (Jd 3)

Judas é uma epístola bastante sucinta, com apenas um capítulo. Como em tantas outras, procura o autor alertar os seus leitores quanto à presença e ação de pessoas mal-intencionadas que procuravam desconstruir a fé dos irmãos. Ao mesmo tempo incentiva-os a se manterem firmes, edificando-se na fé comum.



Primeira Edição
JUN/2016